

Pedro Bala, Sem-Pernas e Volta Seca: a violência como forma de resistência em *Capitães da Areia*

Bullet, Legless, and Dry Gulch: violence as a form of resistance in *Capitães da Areia*

Lucimar Simon¹

RESUMO: Este artigo analisa a violência como forma de resistência no romance *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, a partir de três personagens: Pedro Bala, Sem-Pernas e Volta Seca. Apresentaremos como e por qual motivo a violência exercida pelos personagens pode ser considerada uma forma de resistência. Abordaremos as teorias de Bosi (2002), Candido (2017; 2023), Foucault (2019), Arendt (2022), Chaui (2021), Žižek (2014), Han (2017) para uma conceitualização teórica nesta construção textual.

ABSTRACT: This article analyzes violence as a form of resistance in the novel *Capitães da Areia* (1937), by Jorge Amado, based on three characters: Pedro Bala, Sem-Pernas, and Volta Seca. We will present how and why the violence exercised by the characters can be considered a form of resistance. We will approach the theories of Bosi (2002), Candido (2017; 2023), Foucault (2019), Arendt (2022), Chaui (2021), Žižek (2014), Han (2017) for a theoretical conceptualization in this textual construction.

PALAVRAS-CHAVE: Jorge Amado; *Capitães da Areia*; Violência; Resistência.

KEYWORDS: Jorge Amado; *Capitains of the Sands*; Violence; Resistance.

1. As teorias conceituais sobre o termo violência

Neste artigo, analisaremos a violência como forma de resistência no romance *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, a partir de três personagens: Pedro Bala, Sem-Pernas e Volta Seca. Apresentaremos como e por qual motivo a violência

¹ Graduação em Letras - Licenciatura dupla em Português e Espanhol - UFES (2015); Pós-Graduação em Ensino e interdisciplinaridade - História e Literatura: texto e contexto - UFES (2013); Pós-Graduação em Artes corporais para educação integral - UFES (2014); Pós-Graduação em Educação e Direitos Humanos - UFES (2017); Graduando em Pedagogia - UFES (2021); Mestre em Letras - UFES (2018); Doutor em Letras - UFES (2023).

exercida pelos personagens pode ser considerada uma forma de resistência à violência social praticada contra as crianças em situação de rua. Para tal, abordaremos as teorias conceituais de Alfredo Bosi (2002), Antonio Candido (2017; 2023), Michel Foucault (2019), Hannah Arendt (2022), Marilena Chaui (2021), Slavoj Žižek (2014), Byung-Chul Han (2017), Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985).

As teorias que apresentamos sobre o exercício do poder e a violência como forma de resistência neste artigo não tem a pretensão de justificar o círculo de violência, mas tão somente apresentar uma alternativa de pensamento sobre a resistência como estrutura de poder e a violência como uma de suas formas de atuação. Isso porque, não existe um consenso teórico quanto à violência e seus desdobramentos dentro de uma sociedade. Em *Violência: seis reflexões laterais* Slavoj Žižek afirma:

Se há uma tese unificadora nas reflexões que se seguem, é a de que existe um paradoxo semelhante no que diz respeito a violência. Os sinais mais evidentes de violência que nos vêm à mente são atos de crime e terror, confrontos civis, conflitos internacionais (ŽIŽEK, 2014, p. 17).

Quando o autor elabora sua teoria sobre a violência, ele traça um ponto de partida e apresenta duas formas de violência, a saber, a violência subjetiva e a violência objetiva, diferenciando-as e marcando-as nos seus respectivos campos de atuação que são, segundo o autor, representados pela “linguagem e suas formas” e pelos “sistemas econômicos e políticos” (ŽIŽEK, p. 17).

Eis o ponto de partida, e talvez até mesmo o axioma, do presente livro: a violência subjetiva é somente a parte mais visível de um triunvirato que inclui também dois tipos objetivos de violência. Em primeiro lugar, há uma violência ‘simbólica’ encarnada na linguagem



e em suas formas. Em segundo lugar, há aquilo que eu chamo violência 'sistêmica', que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento de nossos sistemas econômico e político (ŽIŽEK, p. 17).

Para Žižek, a violência subjetiva é visível e a violência objetiva é invisível. E, portanto, elas não podem ser analisadas do mesmo ponto de vista. "A questão é que as violências subjetiva e objetiva não podem ser percebidas do mesmo ponto de vista" (ŽIŽEK, p. 17). Segundo Žižek, "a violência subjetiva é experimentada enquanto tal contra o pano de fundo de um grau zero de não violência. É percebida como uma perturbação do estado de coisas 'normal' e pacífico" (ŽIŽEK, p. 17-18). Em contrapartida, na mesma direção ele afirma que, "a violência objetiva é precisamente aquela inerente a esse estado 'normal' de coisas" (ŽIŽEK, p. 18).

A violência objetiva é uma violência invisível, uma vez que é precisamente ela que sustenta a normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento. Assim, a violência sistêmica é de certo modo algo como a célebre 'matéria escura' da física, a contrapartida de uma violência subjetiva (demasiado) visível. Pode ser invisível, mas é preciso levá-la em consideração se quisermos elucidar o que parecerá de outra forma explosões 'irracionais' de violência subjetiva (ŽIŽEK, p. 18).

O homem é um ser violento e, em sua trajetória histórica, tem desfechado atos de violência contra tudo e todos. A violência dos/nos seres humanos manifesta-se de infinitas maneiras, desde o processo de abstração ao fato compreendido pela força física até o verbal subscrito pela linguagem. Os seres humanos têm manifestado a violência como expressão de poder e resistência ao longo de sua existência.

Theodor Adorno e Max Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* explicam que, para a execução de um gesto simples e para garantir a sobrevivência de uma espécie, desde os primórdios da humanidade

Os homens rastreiam a caça, as mulheres cuidam do trabalho que pode ser feito sem um comando rígido. Quanta violência foi necessária antes que as pessoas se acostumassem a uma coordenação tão simples como essa é impossível determinar (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 30).

A violência é um elemento presente na evolução da humanidade. No livro intitulado *Topologia da violência* (2017), Byung-Chul Han sinaliza sobre a violência: “Há coisas que não desaparecem; dentre elas está a violência. A aversão à violência não é algo característico da Idade Moderna. Ela é apenas proteica e, dependendo da constelação social, suas formas de manifestação se modificam” (2017, p. 7).

Até este ponto, Adorno e Horkheimer concordam com Byung-Chul Han quanto à longevidade das práticas de violência no percurso histórico da humanidade. E, Slavoj Žižek quanto ao campo de atuação e as formas da violência convergem para o que aponta Byung-Chul Han, quando afirma que a violência:

[...] se desloca do caráter visível para o invisível, de frontal para o viral, da força bruta para a medial, do real para o virtual, do físico para o psíquico, do negativo para o positivo. Atualmente torna-se totalmente invisível quando se confunde e se identifica com seu contraponto (HAN, p. 7-8).

Em *Sobre a violência* (2022), no prefácio, Celso Lafer apresenta o texto e a trilha narrativa que a autora persegue para consolidar sua teoria sobre a violência. “A violência multiplica, com os instrumentos que a tecnologia fornece de maneira cada vez mais exponencial, o vigor individual. A violência destrutiva do poder está,



no entanto, muito presente na vida do século XX” (LAFER, 2022, p. 11). No primeiro capítulo, Hannah Arendt já demonstra preocupação com os estudos sobre a temática da violência.

Ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial. Isso indica que a violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, negligenciadas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos” (ARENDR, 2022, p. 22).

Seguindo os teóricos já apresentados, percebemos que Hannah Arendt também mantém o foco em apresentar uma violência multifacetada que transcende os sentidos comuns e assume formas diversas perante seus objetivos. Através de suas reflexões sobre os acontecimentos do século XX, a autora afirma que “O desenvolvimento técnico dos implementos da violência alcançou agora o ponto em que nenhum objetivo político poderia presumivelmente corresponder ao seu potencial de destruição ou justificar seu uso efetivo no conflito armado” (ARENDR, p. 17).

Marilena Chaui em *Sobre a violência* persegue os mesmos objetivos dos teóricos já citados quando, por exemplo, concorda com Slavoj Žižek sobre os sentidos ampliados e as dimensões da violência no decorrer do tempo histórico da humanidade e com Hannah Arendt sobre a necessidade de debruçarmos sobre o tema da violência na tentativa de compreendemos seus desdobramentos na evolução da humanidade:

Estamos acostumados a identificar a violência e a criminalidade. Todavia, se formos aos dicionários, observaremos que seu sentido é muito mais amplo e que ela possui não apenas dimensão física, mas também psíquica e simbólica (CHAUI, 2021, p. 35).

Na apresentação do livro *Sobre a violência* Luciana Chaui-Berlinck nos permite compreender que corriqueiramente nós “observamos a violência, a percebemos, mas nem sempre refletimos sobre ela”. Segundo Luciana Chaui-Berlinck, “A violência é tema de investigação e preocupação de muitos pensadores. Filósofos de todos os tempos teceram ideias sobre ela. É tema que sempre nos captura, pois a reconhecemos em nós mesmos e em nossas relações” (CHAUI-BERLINCK, 2021, p. 17).

Especificamente, os teóricos que apresentamos para a composição deste artigo, escrevem sobre a temática da violência e seus desdobramentos mencionando o século XX como um dos momentos da história da humanidade que marcou acentuadamente o desenvolvimento das diversas formas e práticas de violência. Para Hannah Arendt: “Estas reflexões foram provocadas pelos eventos e pelos debates dos últimos anos visto contra o plano de fundo do século XX, que, como Lênin previu, tornou-se de fato um século de guerras e revoluções” (ARENDR, p. 17).

2. As correlações de forças entre poder e resistência e o uso da violência

Os Capitães da Areia são violentos para impulsionar uma resposta de resistência ao poder político e econômico que é extremamente violento com a sua condição social. Se o poder é violento, por que a resistência não pode ser? Consultamos o texto *Microfísica do poder*, de Michel Foucault, para explicar e responder a pergunta. No subtítulo “Não ao sexo rei”, o autor responde a uma série



de perguntas sobre pontos específicos de suas publicações anteriores, novamente no centro das perguntas o primeiro livro da trilogia sobre a história da sexualidade.

Colocando alguns conceitos importantes em discussão a exemplo da revolução e da política, do poder e da resistência, Foucault trabalha as relações entre esses termos, explicando como são dependentes e complementares entre si. Sendo assim, “Se a política existe desde o século XIX, é porque existiu a Revolução Francesa. Então não é uma espécie, uma região daquela. É a política que sempre se situa em relação à revolução” (FOUCAULT, 2019, p. 359).

A revolução, a política, o poder e a resistência são desejáveis? Para Foucault, “fazer política sem ser um político é tentar saber com a maior honestidade possível se a revolução é desejável” (FOUCAULT, p. 359). Para ele, “é explorar esse terrível terreno movediço onde a política pode se enterrar” (FOUCAULT, p. 359). Existem relações intrínsecas entre revolução e política, assim como também existem entre poder e resistência. Perguntado: “Se a revolução não fosse mais desejável, a política continuaria sendo o que você diz que ela é?” (FOUCAULT, p. 359). Michel Foucault responde:

Não, não creio. Seria preciso inventar outra ou alguma coisa para substituí-la. Nós vivemos talvez o fim da política. Pois é verdade que a política é um campo que foi aberto pela existência da revolução e se a questão da revolução não pode mais ser colocada nesses termos, então a política pode desaparecer (FOUCAULT, p. 359).

Chegando ao ponto de discussão sobre poder e resistência, vemos que as relações se mantêm e incorrem de uma causa que podemos denominar de ação e reação, ou seja, poder e resistência, o primeiro como ação e o segundo como reação, não anulando a possibilidade de alternância de posicionamento entre as

duas forças. Questionado sobre a sua teoria de poder e resistência: “Voltemos à sua política, àquela que você consignou em *A vontade de saber*. Você diz: ‘Onde existe poder, existe resistência’. Você não restabelece essa natureza que há pouco você queria descartar?” (FOUCAULT, p. 360). Foucault responde: “Não acredito. Essa resistência de que falo não é uma substância. Ela não é anterior ao poder que ela enfrenta. Ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea” (FOUCAULT, p. 360).

A resistência que o autor defende que existe, portanto, não é uma força estanque, imóvel, é algo em movimento e articulado como o próprio poder. Seria a resistência “a imagem invertida do poder?” (FOUCAULT, p. 360). Foucault responde que: “Também não é isso. Se fosse apenas isso, não haveria a resistência. Para resistir, é preciso que a resistência seja igual ao poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente” (FOUCAULT, p. 360).

Entendemos que podemos conceber que a resistência – para que seja um verdadeiro e efetivo ato de resistir – tem que ser igual ao poder. Onde existe poder, existe resistência e o comportamento da resistência deve ser igual ao comportamento do poder. Provocado por uma suposição de que seria o poder e a resistência “quase uma tautologia”, enfaticamente Foucault rechaça afirmando que:

Absolutamente. Não coloco uma substância da resistência em face de uma substância do poder. Digo simplesmente: a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinantes e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, p. 360).



Nos conceitos entre poder e resistência, o autor defende que as estratégias de análises sobre as correlações de poder precisam ser revistas. “Penso que seria necessário tentar aprimorar essa análise das correlações de forças” (FOUCAULT, p. 361). Foucault critica a existência de apenas dois modelos de possibilidades de análise das correlações de forças e poder, o do direito: poder como lei, e o modelo guerreiro ou estratégico em termos de relações de forças. O primeiro ele considera inadequado por não descrever o poder; o segundo, é inadequado por ser calcado em recursos pré-fabricados e metafóricos traduzidos em esquemas formais.

O Estado exerce a violência para manutenção da dominação sobre os grupos populacionais que possam representar qualquer tipo de ameaça a sua hegemonia. Adorno e Horkheimer apresentam uma discussão para demonstrar como o sistema deve ser conservado em harmonia com a natureza e como é exercida a relação de poder entre o forte e o fraco, entre o dominador e o dominado. Sobre a natureza como espaço de disputas pelo poder através de práticas violentas é possível apontar

Mas o que, verdadeiramente, está nas leis dessa mãe sábia é a lesão do fraco pelo forte, já que, para chegar a esse procedimento, ele não faz senão usar os dons que recebeu. Ele não precisa se revestir, como o fraco, de um caráter diferente do seu: ele só coloca em ação os efeitos do caráter que recebeu da natureza. Por isso, tudo o que daí resulta é natural: sua opressão, suas violências, suas crueldades, suas tiranias, suas injustiças... são, pois, puras como a mão que as gravou; e quando ele usa de todos os seus direitos para oprimir o fraco, para despojá-lo, não faz senão a coisa mais natural do mundo (ADORNO; HORKHEIMER, p. 84).

A violência pode ser utilizada como forma de resistência contra um poder exercido de forma violenta? Se o poder é violento e atua de forma violenta contra

os grupos populacionais que consideram resistência, oposição ou ameaça a sua dominação, deveria a resistência se organizar de forma diferente do que se organiza o poder? Para Lafer: “A violência, no entanto, só tem sentido quando é uma *re-ação* e tem medida, como no caso da legítima defesa. Daí a ideia de arrancar, pela violência, as máscaras da hipocrisia dos governantes” (LAFER, p. 12). Desta maneira, sob a opressão de um Estado violento, a resistência se apropria da violência para ser tornar efetiva resistência.

3. Literatura: violência e resistência

Por que a literatura exerce tamanho poder de disseminação de ideias dentro das sociedades em que ela é produzida ou inserida? Para Antonio Candido (2023): “A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (p. 94). Consubstanciando o que foi descrito por Candido em *Literatura e Sociedade*, Antoine Compagnon em *O demônio da teoria* (2010) afirma que: “As definições de literatura segundo sua função parecem relativamente estáveis, quer essa função seja compreendida como individual ou social, privada ou pública” (p. 34).

A literatura é constituída como um produto social de cada sociedade, em cada tempo a qual é produzida e disseminada. Em Vários escritos, especificamente no subtítulo “O direito à literatura”, Antonio Candido afirma que:

Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (CANDIDO, 2017, p. 177).



A literatura desde os primórdios está repleta de denúncias de práticas de violência e resistência dos seres humanos. A violência reproduzida pelas crianças em situação de rua da narrativa de Jorge Amado é só mais um reflexo da violência real que assolou e marca a evolução humana. Para Antoine Compagnon (2010, p. 36): “A literatura serve para produzir um consenso social; ela acompanha, depois substitui a religião como ópio do povo. A literatura confirma um consenso, mas produz também a dissensão, o novo, a ruptura”.

A partir do delineado sobre a violência e suas origens, podemos concluir que a violência é algo inerente ao ser humano e, é uma forma de expressão de poder que pode ser consolidada de diversas maneiras. Para Jaime Ginzburg:

Existem casos na literatura em que a violência ocorre sem que seu ato corresponda à expressão de uma honra ou de uma ambição. A força destrutiva voltada sobre o outro pode manifestar-se não de modo dirigido, mas intransitivo (GINZBURG, 2013, p. 6).

Ampliando sua análise discursiva sobre a violência expressa na literatura, em específico, no caso brasileiro, Jaime Ginzburg salienta que: “No caso da literatura brasileira, um texto fundamental para pensar a violência é *São Bernardo*, de Graciliano Ramos” (GINZBURG, p. 19). Isso porque, “O romance contribui com inteligência para uma política de leitura. O escritor apresenta duas perspectivas diferentes sobre a violência, em confronto. Duas valorações, duas abordagens” (GINZBURG, p. 19).

A busca por uma definição da palavra resistência nos encaminhou para leituras diversas as quais nos permitiram definir que resistência é uma ação, ato ou efeito de resistir, resistência é não ceder, não sucumbir; é uma qualidade do que é

resistente; pode ser também uma força com que um corpo reage contra a ação de outro; incluindo, resistência pode ser uma capacidade de uma pessoa de resistir a esforços físicos ou a contrariedades; tendência para suportar dificuldades, como doenças, fome, grandes esforços e por último, pode ser uma recusa de submissão, uma oposição à algo ou alguém. Para Michel Foucault, “Essa resistência de que falo não é uma substância. Ela não é anterior ao poder que ela enfrenta. Ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea” (FOUCAULT, p. 360).

Propor a definição conceitual da palavra resistência para este artigo é essencial. Alfredo Bosi foi o autor que desenvolveu em seu livro, *Literatura e resistência*, a teoria de que a resistência é um conceito originariamente ético, e não estético, pois para ele o ato de resistir é não ceder a outra força. “Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia” (BOSI, 2002, p. 118). É importante ressaltar que, entre as propostas apresentadas pelo autor, a que nos interessa neste estudo é a de aproximar nossa discussão com conceitos e elementos que são próprios da ética e da política e não da arte.

Com base no conceito de Bosi, podemos confirmar que em *Capitães da Areia* teríamos a resistência estética da literatura escrita por Jorge Amado e a interna praticada pelos meninos do grupo, tendo em conta que a resistência é um movimento interno ao foco narrativo e que a escrita resistente não resgata apenas o que foi dito uma só vez no passado distante, resgata também o que foi calado.

A resistência de que se queixa a todo momento o paranóico é a consequência da falta de resistência e do vazio que produz em seu torno aquele que se coloca fora de foco. Ele não pode parar. A ideia que não encontra nenhum apoio firme na realidade insiste e torna-se fixa (ADORNO; HORKHEIMER, p. 157).



De acordo com Bosi, existe uma literatura e uma teoria de resistência e reação ao poder e ao controle exercido pelo Estado sobre os grupos populacionais. Existe também uma divergência entre o poder do Estado e o das populações por ele subjugadas. Isso é o que podemos chamar de resistência. Em *Capitães da Areia* há uma necessidade histórica e literária de que se organize uma proposta de resistência. Essa resistência existe na narrativa literária de Jorge Amado e pode ser identificada, sintetizada na forma de violência, principalmente nas ações de Pedro Bala, Sem-Pernas e Volta Seca.

4. Pedro Bala, Sem-Pernas e Volta Seca: a violência como forma de resistência

Sobre o uso do poder e as estratégias de resistência em *Capitães da Areia*, podemos dizer que não se apresentam organizadas e coordenadas como deveriam se apresentar, porém, na objetividade de Jorge Amado, compreendemos que a reconfiguração dessa condição de enfrentamento entre poderes instituídos e resistências dos grupos populacionais subjugados pelo poder opressor se estabelece quando o autor demonstra que existe uma precoce adulteração comportamental da infância causada por questões políticas, sociais, econômicas, culturais e religiosas. O Estado exerce seu poder com força bruta, com violência, com objetivo de extirpar da sociedade a criança categorizada como estigma social, enviando-a para o reformatório ou para a prisão, instituições onde é submetida a uma ação disciplinar violenta exigida pela sociedade e exercida pelo Estado.

As personagens mais violentas da narrativa de Jorge Amado são também as que mais sofreram com a violência exercida pela sociedade e pelo Estado. Pedro

Bala, Sem-Pernas e Volta Seca são as crianças da narrativa que tiveram suas vidas particularmente marcadas pela violência aplicada pela maior representação de um Estado opressor, a polícia. O Sem-Pernas é o mais terrível entre os Capitães da Areia.

Ridicularizava tudo, era um dos que mais brigavam. Tinha mesmo fama de malvado. Uma vez fez tremenda crueldade com um gato que entrara no trapiche. E um dia cortara de navalha um garçom de restaurante para furtar apenas um frango (AMADO, 2008, p. 37).

Em *Capitães da Areia*, encontramos um Sem-Perna carente, triste, violentado pela família, pela sociedade e pela polícia. “Um dia em que teve um abscesso na perna o rasgou friamente a canivete e na vista de todos o espremeu rindo” (AMADO, p. 37). Mas, percebemos que o Sem-Pernas, coxo de uma das pernas, o que rendeu o apelido, queria, como todos os meninos de sua idade, outra coisa.

No mais fundo de seu coração ele tinha pena da desgraça de todos. E rindo e ridicularizando era que fugia da sua desgraça. O que ele queria era felicidade, era alegria era fugir de toda aquela miséria, de toda aquela desgraça que os cercava e os estrangulava (AMADO, p. 37-38).

Por que o Sem-Perna é tão violento? A violência que foi aplicada à vida do menino é a violência que reproduz a violência praticada por ele. O Sem-Pernas não dorme durante a noite, tem sonhos terríveis com os policiais que o submeteram a uma terrível sessão de tortura quando o levaram preso por mendigar para se alimentar. “Nunca tivera família. Vivera na casa de um padeiro a quem chamava de ‘meu padrinho’ e que o surrava. Fugiu logo que pode compreender que a fuga o libertaria. Sofreu fome, um dia levaram-no preso” (AMADO, p. 38). Preso, o que ele queria? O que com certeza não queria era a violência.



Ele quer um carinho, uma mão que passe sobre os seus olhos e faça com que ele possa se esquecer daquela noite na cadeia, quando os soldados bêbados o fizeram correr com sua perna coxa em volta de uma saleta. Em cada canto estava um com uma borracha comprida (AMADO, p. 38).

O Sem-Pernas encontrou Professor, um dos líderes do grupo e, por meio dele, foi incorporado aos Capitães da Areia e ficou com eles. Coxo, abandonado pela família, torturado, espancado, humilhado pela polícia, que deveria o proteger, Sem-Pernas acumula todo rancor e tipos de ódio pela sociedade que o oprime, o categoriza como elemento que deve ser extirpado, aniquilado do convívio social. Com tantos estigmas sociais e deteriorações físicas, Sem-Pernas possuía desqualificações importantíssimas para que fosse incorporado ao grupo de menores abandonados.

Quando o Sem-Pernas compreende o lugar que ele ocupa na sociedade, ele se torna a personificação do fraco que luta contra o forte, o dominado que insurge contra a dominação e a violência contra ele naturalmente explicável pela teoria burguesa de dominação. “Quando o fraco se defende, ele comete, pois, uma injustiça, a saber, a injustiça de sair do caráter que a natureza imprimiu nele: ela criou-o para ser escravo e pobre, ele não quer submeter-se a isso, eis aí sua falta” (ADORNO; HORKHEIMER, p. 84). Na lógica do poder, Sem-Perna, ou seja, o fraco, quando reage comete uma injustiça contra a justiça estabelecida, isso é passível de aumento da repressão por parte do forte, o Estado. “É na violência, por mais que ela se esconda sob os véus da legalidade, que repousa afinal a hierarquia social. A dominação da natureza se reproduz no interior da humanidade” (ADORNO; HORKHEIMER, p. 91).

O Sem-Pernas, assombrado pelo medo de reviver a tortura e toda a violência que foi aplicada contra o seu frágil corpo coxo quando foi levado para a cadeia como preso por mendicância, aplicava sobre os próprios colegas mais fracos do grupo uma forma de violência que pudesse fazê-lo sentir-se forte perante a miséria que ele vivia.

Sentia que uma angústia o tomava e que era impossível dormir. Se dormisse viriam os maus sonhos da cadeia. Queria que aparecesse alguém que ele pudesse torturar com dichotes. Queria uma briga. Pensou em ir acender um fósforo na perna de um que dormisse (AMADO, p. 47).

Volta Seca é um dos líderes do grupo de meninos abandonados e sua história se confunde com a história dos sertanejos castigados pela seca e pela violência gerada nas disputas pela posse de terras. Antes de se incorporar ao grupo dos Capitães da Areia, Volta Seca vivia com sua mãe em um dos grandes sertões de Pernambuco. A dureza da vida e o sofrimento imprimidos a Volta Seca como uma personagem da narrativa de Jorge Amado possui verossimilhanças com a vida real e ficcional de muitos outros homens, mulheres e crianças dos rincões dos sertões brasileiros. “Antigamente ele e sua mãe tinham um pedaço de terra. Ela era comadre de Lampião, os coronéis respeitavam sua terra. Mas quando Lampião se internou pelo sertão de Pernambuco os coronéis ficaram com a terra da mãe de Volta Seca” (AMADO, p. 246).

Por que Volta Seca é tão violento? Por que os olhos são tão sombrios? Volta Seca é só mais um personagem que foi castigado pelas mazelas sociais infligidas a milhões de brasileiros diariamente. Após chegar à cidade de Salvador e incorporando-se ao grupo de menores abandonados e delinquentes por ser este grupo social o único que o aceitaria, Volta Seca passa a nutrir e direcionar todo seu



rancor, seu ódio contra a sociedade, os coronéis e as instituições que o excluíram do convívio social, tomando de assalto as terras de sua mãe e forçando-os à migração para a cidade, o que levou sua mãe à morte e ele ao completo abandono social.

Ela desceu para a cidade para pedir justiça. Morreu no caminho. Volta Seca continuou a caminhada com seu rosto sombrio. Muita coisa aprendeu na cidade, entre os Capitães da Areia. Aprendeu que não era só no sertão que os homens ricos eram ruins para com os pobres. Na cidade, também. Aprendeu que as crianças pobres são desgraçadas em toda parte, que os ricos perseguem e mandam em toda parte (AMADO, p. 246-247).

Volta Seca era afilhado de Lampião e se exemplava nos feitos do padrinho. E, a cada notícia que traziam de seu padrinho nos jornais, deixava Volta Seca alegre ao ouvi-las da boca de seu amigo Professor. Volta Seca repetia que um dia ia se juntar a seu padrinho na luta contra os coronéis e a polícia que tomavam as terras dos pobres dos sertões brasileiros.

O rosto sombrio de Volta Seca se iluminou. Sua boca apertada se abriu num sorriso. E ainda feliz deixou o Professor, que apagava a vela, e foi para seu canto. Levava o jornal para cortar o retrato do grupo de Lampião. Dentro dele ia uma alegria de primavera (AMADO, p. 49).

Volta Seca, que idolatrava seu padrinho, é o espelho ou reflexo de Lampião.

O herói Lampião, herói de todo o sertão de cinco estados. Dizem que ele é um criminoso, um cangaceiro sem coração, assassino, desonrador, ladrão. Mas para Volta Seca, para os homens, as mulheres e as crianças do sertão é um novo Zumbi dos Palmares, ele é um libertador, um capitão de um novo exército (AMADO, p. 247).

A violência externada por Volta Seca é direcionada para fora do grupo de crianças, diferente de Sem-Pernas, Volta Seca, assim como João Grande e Pedro Bala, é um dos maiores e mais fortes que protegem os menores e mais fracos de injustiças dentro e fora do próprio grupo. Ao fim de sua jornada junto aos Capitães da Areia, Volta Seca regressa ao sertão e se junta ao bando de seu padrinho, Lampião:

Uma tarde a polícia o pegou quando o mulato despojava um negociante da sua carteira. Volta Seca tinha então dezesseis anos. Foi levado para a polícia, o surraram porque ele xingava todos, soldados e delegados com aquele imenso desprezo que o sertanejo tem pela polícia. Ele não soltou um grito enquanto apanhou. Oito dias depois o puseram na rua, e ele saiu quase alegre, porque agora tinha uma missão na vida: matar soldados de polícia (AMADO, p. 245).

No caminho, na rabada de um trem, o sertanejo de rosto sombrio sente os cheiros das flores, das comidas, avista cachorros magros nas portas de casas de barro, sente os campos amigos e enxerga as margens dos trilhos por onde corre o trem como as margens onde vivem os pobres de toda a sociedade brasileira. Volta Seca vê:

Homens magros que lavram a terra para ganhar mil e quinhentos dos donos da terra. Só caatinga é que é de todos, porque Lampião libertou a caatinga, expulsou os homens ricos da caatinga, fez da caatinga a terra dos cangaceiros que lutam contra os fazendeiros (AMADO, p. 247).

Chegando ao sertão, Volta Seca busca pelo bando de seu padrinho, Lampião. Volta Seca quer lutar junto com seu padrinho para libertar os homens, mulheres e



crianças que sofrem a exploração dos ricos que tomam suas terras e os expulsam, forçando a escravidão ou à migração para a mendicância nos grandes centros urbanos. “O sertão comove os olhos de Volta Seca. Aqui tudo é lírico, pobre e belo. Só a miséria dos homens é terrível. Mas estes homens são tão fortes que conseguem criar beleza dentro desta miséria” (AMADO, p. 247).

Os sertanejos que permaneciam nas terras que eram tomadas pelos coronéis eram explorados, os que fugiam eram marginalizados e sofriam pelo desprezo e pela violência social. Se embreassem no cangaço eram perseguidos, presos, e tinham suas costas rasgadas quando eram chicoteados pela polícia, mas eram temidos por todos. Quando preso por tentar roubar a carteira de um homem, “o chicote da polícia, feitor dos ricos, rasgou as costas de Volta Seca. Todos o temerão um dia também” (AMADO, p. 248).

Volta Seca, queria ser temido e para isso seria cangaceiro e, na rabama do trem vai ao encontro de seu padrinho, Lampião. “O trem para no meio da caatinga. Volta Seca pula fora do vagão. Os cangaceiros apontam os fuzis, o caminhão que os trouxe está parado no outro lado da estrada, os fios do telégrafo cortados. Na caatinga agreste não se vê ninguém” (AMADO, p. 248). Volta Seca encontra seu padrinho. Junto a Lampião, tem a oportunidade de extravasar todo seu ódio acumulado, todas as formas de violências acumuladas e conservadas pela raça humana desde a criação do mundo e infligida sobre os oprimidos irrompem-se dos olhos e escorrem no rosto sombrio de Volta Seca.

A violência provocada pela polícia faz com que Volta Seca acredite que matando o policial extinguiria a violência, mesmo que seja a violência pela violência. “O indivíduo obcecado pelo desejo de matar sempre viu na vítima o

perseguidor que o forçava a uma desesperada e legítima defesa” (ADORNO; HORKHEIMER, p. 91).

Eles me bateram na polícia, bateram em muito menino. Seu rosto sombrio tem um riso que o enche todo. Cai o primeiro, o segundo tenta fugir, mas a bala o alcança nas costas. Depois Volta Seca corre para cima dele com o punhal, sacia sua vingança (AMADO, p. 249).

Pedro Bala é o terceiro personagem que abordamos para discutir a violência como forma de resistência em *Capitães da Areia*. No tempo da narrativa Pedro Bala tem 15 anos e é o atual líder dos Capitães da Areia. Sendo ele mais uma criança marcada pela violência, destaca-se como uma personagem central por assumir a chefia do grupo de meninos em situação de rua na cidade de Salvador.

Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem 15 anos. Há dez que vagabundeia nas ruas da Bahia. Nunca soube de sua mãe, seu pai morrera de um balaço. Ele ficou sozinho e empregou anos em conhecer a cidade (AMADO, p. 29).

O processo que leva Pedro Bala a assumir a chefia do grupo de crianças abandonadas é também o que o marca como um indivíduo central da força de resistência exercida pelos meninos em situação de rua. Ele disputa com Raimundo, que é maior, mais velho e mais forte, a chefia dos Capitães da Areia. Vencendo o combate corporal, Pedro Bala recebe o reconhecimento dos outros membros como chefe do grupo. “Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto” (AMADO, p. 29).

Pedro Bala na condição de chefe planejava e organizava com autoridade as ações coletivas do grupo. Ao resistir com violência contra um ato de violência praticado por Raimundo contra um dos meninos do grupo, Pedro Bala é marcado



com um corte em seu rosto, gerando assim o seu principal estigma, uma cicatriz. Para o grupo de crianças denominado Capitães da Areia, a violência não é uma exceção, ela é a regra. E, segundo Foucault

É justamente a regra que permite que seja feita violência à violência e que uma outra dominação possa dobrar aqueles que dominam. Em si mesmas, as regras são vazias, violentas e não finalizadas; elas são feitas para servir a isto ou àquilo (FOUCAULT, p. 69).

A chefia do grupo é conquistada por Pedro Bala com uso da violência. No fluxo de violência contra violência, é produzida mais violência. O uso da violência é regra para que o Estado, através de suas instituições e dispositivos, mantenha a dominação e o controle sobre as populações e, se apresenta a violência como regra para que os grupos populacionais submetidos ao processo de dominação e controle violentos exerçam uma resistência. Para Foucault, “A regra é o prazer calculado da obstinação, é o sangue prometido. Ela permite reativar sem cessar o jogo da dominação; ela põe em cena uma violência meticulosamente repetida” (FOUCAULT, p. 69).

Quando a violência se torna a regra, ela estigmatiza os grupos populacionais e particularmente seus indivíduos. A cicatriz de Pedro Bala é uma marca, um estigma gerado pela regra estabelecida, a violência. Ela é o elemento que estigmatiza o grupo de crianças em situação de rua e seu chefe, Pedro Bala. Sobre a regra e sua aproximação com a violência, Michel Foucault (2019, p. 68) intensifica: “Ela estabelece marcas, grava lembranças nas coisas e até nos corpos; ela se torna responsável pelas dívidas. Universo de regras que não é destinado a adoçar, mas ao contrário a satisfazer a violência”.

Pedro Bala é o chefe do grupo e é respeitado entre seus pares, os Capitães da Areia, ele é reconhecido por outros grupos sociais; pelos marítimos e saveiristas (Querido-de-Deus). “Ajudaram o Querido-de-Deus a desembarcar a pescaria, que fora boa. Iemanjá o tinha ajudado. Um homem que tinha banca no mercado comprou toda a pescaria” (AMADO, p. 88). Pelos doqueiros (João de Adão),

estivador negro e fortíssimo, antigo grevista, temido e amado em toda a estiva, estava sentado num caixão. Só chamava Pedro de Capitão Pedro e gostava de conversar com eles. Ofereceu um pedaço de caixão a Pedro Bala. Boa-Vida se acorrou na sua frente (AMADO, p. 84).

Em memória de seu pai (Loiro), um estivador que participou e foi morto em um movimento grevista, Pedro Bala era reconhecido pelos grevistas e revolucionários (Alberto). “Um dia iria fazer uma greve como seu pai. Lutar pelo direito. Um dia um homem assim como João de Adão poderia contar a outros meninos na porta das docas a sua história, como contavam a de seu pai” (AMADO, p. 88). Os religiosos também tinham o chefe dos Capitães da Areia como um amigo (Padre José Pedro/Don’Aninha). “O chefe dos Capitães da Areia ia pouco aos candomblés, como pouco ouvia as lições do padre José Pedro. Mas era amigo tanto do padre como da Mãe-de-santo, e entre os Capitães da Areia quando se é amigo se serve ao amigo” (AMADO, p. 97). Sem-Pernas, Volta Seca, Pedro Bala e todas as outras crianças em situação de rua que compõem o grupo Capitães da Areia são personagens profundamente marcados pela violência e a reproduzem durante toda a narrativa.

5. Considerações finais



Em suma, o maior ato de resistência praticado por Sem-Perna é um ato extremo de violência, o suicídio. O destino de Sem-Pernas é anunciado delicadamente pelo autor em diversos momentos da narrativa. O maior ato de resistência e de violência praticado por Pedro Bala foi se unir aos grevistas, aos movimentos revolucionários liderados pelos comunistas, inimigos declarados do Estado brasileiro. O maior de ato resistência e de violência praticado por Volta Seca foi se incorporar ao bando de cangaceiros liderados por seu padrinho, Lampião, inimigo declarado do Estado brasileiro.

Os atos de violência sofridos ou praticados pelos Capitães da Areia não são aprazíveis. Em uma vida marcada pela violência, o que se reproduz é violência. Em um momento de diversão, quando chega e se instala na cidade o carrossel de Nhozinho França, percebemos que o carrossel, suas luzes e sua música fizeram com que os Capitães da Areia se sentissem por uma noite o que eles realmente eram, crianças, apenas crianças. A alegria do carrossel e da música aplacava a violência existente nos meninos. “Volta Seca não pensava em Lampião nesse momento. Pedro Bala não pensava em ser um dia o chefe de todos os malandros da cidade. O Sem-Pernas não pensa em se jogar no mar, onde os sonhos são todos belos” (AMADO, p. 68).

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDR, Hannah. *Sobre a Violência*. Trad. André Duarte. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Todavia, 2023.

CHAUÍ, Marilena. *Sobre a violência*. (Orgs.). ITOKAZU, Ericka Marie; CHAUI-BERLINCK, Luciana. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CHAUI-BERLINCK, Luciana. Apresentação. In: CHAUÍ, Marilena. *Sobre a violência*. (Orgs.). ITOKAZU, Ericka Marie; CHAUI-BERLINCK, Luciana. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 17-26.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. (Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado). 10. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2013.

HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

LAFER, Celso. Prefácio. In: ARENDR, Hannah. *Sobre a Violência*. Trad. André Duarte. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. p. 9-13).

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.



Recebido em 29/07/2023

Aceito em 07/12/2023